

NO PÉ DO MEU TAMBOR: BELEZA, TENDAS E AGÊNCIAS NO TERCÊ DE CODÓ (MARANHÃO)ⁱ

Martina Ahlertⁱⁱ

Resumo: Este trabalho discorre sobre a constituição das tendas de pais e mães de santo de uma religião afro-brasileira chamada terecô ou tambor da Mata. O terecô é uma religião encontrada no interior do Maranhão, especialmente na região da cidade de Codó, no leste do estado. Nela são recebidos encantados, seres que tiveram vida terrena, mas desapareceram, passando a viver em um entre mundo conceituado como Encantaria, espaço de onde vêm para dançar, trabalhar e dar conselhos. Na cidade de Codó, os terecozeiros se organizam em torno de casas e tendas de pais e mães de santo (também conhecidos como mestres). Essas casas e tendas são contínua e cuidadosamente decoradas todos os anos, para as festas em homenagem às entidades. Nestes momentos, ficam evidentes os investimentos na beleza das pequenas bandeiras, nas toalhas dos altares, nas flores e fitas coloridas. O trabalho proposto quer dar conta de duas dimensões, no que concerne às tendas: em primeiro lugar, busca mostrar a dimensão temporal de constituição destes espaços. Neste sentido, as tendas, de maneira semelhante ao percurso de vida de pais e mães de santo, nunca estão acabadas. Elas são constituídas durante a vida de um mestre e recebem investimentos e auxílios diversos para que possam existir. Há, portanto, uma analogia possível entre as transformações de uma tenda e a passagem da vida de pais e mães de santo. Em segundo lugar, o trabalho proposto considera a importância da beleza como elemento central das festas realizadas pelas tendas, como um índice do engajamento entre pessoas e encantados – elemento fundamental e incontornável para a existência e a constituição de cada tenda. Logo, existe uma colaboração entre agências humanas e mais que humanas para que uma tenda seja sempre renovada e embelezada. A decoração de uma tenda indica, desta forma, para a possibilidade de materialização das relações entre diferentes seres. Considerando estas duas dimensões, o trabalho objetiva chamar atenção às práticas e usos destes espaços, como momento importante para a compreensão das experiências dos terecozeiros da cidade de Codó. A ênfase na visualidade, portanto, destaca a forma como os brincantes de tambor querem ser percebidos na cidade, o que nos leva a considerar as festas e a estética como uma posição política.

1555

Palavras-chave: Antropologia, Terecô, Encantados, Etnografia.

Em 2010 iniciei uma pesquisa de cunho etnográfico em Codó, município da região leste do Maranhão. Como parte da minha tese de doutorado (Ahlert, 2013), fui residir na cidade, com o intuito de conhecer as dinâmicas e os sentidos em torno da experiência de convivência entre humanos e encantados no terecô – uma religião afro-brasileira presente no interior do estado. De provável origem banto, com elementos característicos de cultos jeje e nagô (Ferretti, M., 2001), o terecô é marcado pela presença de encantados, “seres espirituais recebidos em transe mediúnico, que não podem ser observados diretamente ou que se acredita

poderem ser vistos, ouvidos e sentidos em sonho, ou por pessoas dotadas de vidência, mediunidade ou de percepção extra-sensorial” (M. Ferretti, 2000b, p. 15). É comum ouvir que os encantados foram pessoas que desapareceram, passando a viver em um entre mundo conhecido como Encantaria (Costa Eduardo, 1948; Ferretti, M., 2001; Barros, S. 2000), de onde vem para dançar, dar conselhos, curar e trabalhar.

Os encantados, segundo a literatura sobre a Encantaria Maranhense (Ferretti, M. 2000; 2001; Barros, S., 2000; Pacheco, 2004) podem ser pensados a partir das famílias às quais pertencem ou das linhas às quais são associados – de água doce, de água salgada ou da mata. Codó é referenciada como berço do terecô e como espaço dos encantados da mata. A família de encantados que compõe a linha da mata e tem a cidade como referência é chefiada pela entidade Légua Boji Buá da Trindade – um vaqueiro, mencionado por vezes como velho escravo ou ainda como tendo uma origem nobre. Sua família numerosa (se estima haverem mais de quinhentas entidades a ele associadas) está ligada, em sua maioria, à lida com o gado, às atividades do campo, às posturas consideradas atrevidas e, por vezes, agressivas (Ferretti, M. 2000; 2001; Barros, S., 2000; Castro, 2004).

O terecô de Codó se organiza a partir das tendas (chamadas ainda de salões ou barracões) de pais e mães de santo, ou ainda dos pequenos altares domésticos (as “*mesinhas*”) onde são efetuadas curas e benzimentos. Não existe um levantamento exato sobre o número de tendas de religião afro-brasileira na cidade – que podem se definir como de terecô, umbanda, candomblé e mina (ou pela combinação entre essas possibilidades de pertencimento), mas se estima a existência de mais de duzentas e cinquenta casas com toques de tambor e giras para os encantados.

A expressão “*no pé do meu tambor*”, que intitula este texto, foi utilizada por uma das mães de santo da cidade, durante a minha pesquisa de campo. Dona Luizinha a utilizava quando remetia sua fala ao próprio instrumento musical tocado nas giras (o tambor da mata), à sua tenda, à sua casa e/ou sua festa. Essa múltipla referencialidade da expressão “*pé do tambor*” traz elementos que eu gostaria de propor nessa escrita, quando sugiro pensar a inter-relação entre instrumentos, tendas, casas e festas, e o percurso (Rabelo, 2014) de vida das mães e pais de santo da cidade.

Nesse sentido, o trabalho proposto quer dar conta de duas dimensões: em primeiro lugar, enfatiza dimensão temporal de constituição das tendas dos mestres. Elas, de maneira semelhante ao percurso de vida de pais e mães de santo, nunca estão acabadas, são constituídas com a passagem do tempo e com auxílios diversos. Há, portanto, uma analogia possível entre as transformações de uma tenda e a passagem da vida de pais e mães de santo.

Em segundo lugar, o trabalho proposto considera a importância da beleza como elemento central das tendas, pois a entende como um índice (Peirce, 1983) do engajamento entre pessoas e encantados – elemento fundamental e incontornável para a existência e a constituição de cada tenda. A decoração de uma tenda indica, desta forma, para a possibilidade de materialização das relações entre diferentes seres. Considerando estas duas dimensões, o trabalho objetiva chamar atenção às práticas e usos destes espaços como momento importante para a compreensão das experiências dos terecozeiros da cidade de Codó.

Parte 1 – Percursos e tendas

Pais, mães e filhos de santo em Codó, na maioria dos casos, sentem os primeiros sinais de mediunidade quando são crianças. As aflições incidem sobre o corpo e podem se manifestar de formas diversas – cegueira, loucura, “*confusão*”, fraqueza. Em situações nas quais a família não possui pessoas com mediunidade, os diagnósticos costumam ser múltiplos e incluem a leitura de tais manifestações como doença. Depois de diferentes itinerários, se alcança o veredito de “*problema com encantado*”, quando iniciam as tentativas de suspensão das correntes até a maioridade da pessoa.

Quando a pessoa acometida pelas aflições tem parentes com mediunidade, normalmente os sinais são percebidos mais rapidamente e o diagnóstico final é feito pelos próprios encantados recebidos na família. Encantados, assim como imagens de santo e também promessas, são recorrentemente heranças familiares – por isso, nessas situações, o reconhecimento de sua atuação e presença é mais corriqueiro e mesmo compreendido com mais facilidade pelos sujeitos. Em campo conheci encantados que vinham em pessoas da mesma família há mais de quatro gerações. Independente de haver casos anteriores na família, a mediunidade era percebida, entre os terecozeiros, como de “*nascença*”.

A presença das entidades (a permeabilidade do corpo e a noção de pessoa que a acompanham – Ahlert, 2013) não é, portanto, uma escolha da pessoa, mas um dom, que embora “*dê trabalho*” é visto como uma missão divinamente estabelecida. Embora não exista escolha no processo de recebimento dos encantados, existe possibilidade de negociação com os mesmos no cumprimento das obrigações e dos seus pedidos. Como resultado do bom cumprimento destes, as aflições desaparecem (sempre provisoriamente, afinal é preciso manter as trocas e compromissos) e os encantados dão força aos pais de santo, para realizarem seus trabalhos. Como a força provém dos encantados e desta forma, do cumprimento dos seus pedidos, o poder de cada pai de santo é, de fato, de seu encantado e suas gradações (ser/estar

mais forte ou mais fraco) se relacionam com o nível de dedicação (e trabalho) dispensado aos mesmos.

A vida de um terecozeiro, portanto, inclui a presença das entidades (manifestada nos momentos de transe, mas também em diversos outros momentos não rituais) e o cumprimento de obrigações e acordos com as mesmas. Para alguém que será pai ou mãe de santo, um dos principais pedidos feitos pelos encantados é o de que eles comecem a “*trabalhar*”. O mais recorrente é que iniciem suas atividades colocando uma “*mesinba*” de cura dentro de suas casas, onde passam a atender parentes e vizinhos. Depois de um tempo atendendo desta forma, os encantados pedem para “*colocar barracão*”, ou seja, para que uma tenda seja construída.

Desta feita, ao “*tomar*” os corpos dos pais e mães de santo, os encantados também passam a ocupar espaços dentro das casas. As mesinhas são formadas por imagens de santos, arranjos de flores de plástico coloridas, toalhas, quadros com a feição dos santos, rosários, crucifixos, um prato ou pires para acender velas, pequenos ramos de árvore utilizados para benzer crianças, em alguns casos uma imagem de orixá (provavelmente Iemanjá, mais comum de ser encontrada) ou de um caboclo de pena (índio) e uma garrafa de banho, preparado para os rituais da casa ou para algum paciente/cliente. As tendas, na maior parte dos casos, possuem altares semelhantes às mesinhas, acompanhados de um espaço para o toque de tambor e a gira dos “*brincantes*”.

Colocar “*barracão*” é uma das formas de referir à construção da tenda de um pai ou mãe de santo. São os encantados que pedem a construção das tendas, mas o momento de efetivar este pedido também passa pelo crivo e incentivo dos parentes e amigos. Construir a tenda não é apenas edificar um espaço para os trabalhos e festejos, é também uma ação direta sobre as aflições que afetam a saúde dos pais e mães de santo, já que as mesmas são vistas como ação dos encantados. Ao ato de construir suas tendas, pais e mães de santo remetem sentimentos como “*tirar peso das costas*”, afastar a “*loucura*”, “*assumir a responsabilidade*”, “*arrumar a própria casa*”.

As histórias sobre a construção das tendas parecem ter um enredo básico: os salões foram construídos muito pequenos, com paredes de barro e cobertos de palha, no espaço disponível no terreno das casas – ao lado destas ou, mais comumente, nos fundos. Muitas tendas são em espaço contíguo a casa e, desta forma, para acessá-las é necessário passar dentro da residência. De casas de taipa, as tendas, se transformaram em alvenaria e receberam diversos investimentos na beleza de sua aparência, nos detalhes das toalhas, das imagens de santo, da pintura nova e colorida das paredes, refeita sempre por ocasião dos festejos da casa. Dessa forma, é comum narrar sobre o processo de constituição das tendas – destacando os

investimentos e melhorias. Igualmente, quando eu visitava o mesmo barracão em momentos diferentes da pesquisa de campo, sempre era apresentada a inovações – uma cobertura nova para proteger da chuva, uma pintura nas cores da festa do ano etc.

Esse contar sobre a constituição das tendas guarda diversas analogias com a história de vida (a trajetória ou percurso) dos pais e mães de santo do terecô. Também eles começaram pequenos – humildes como os pequenos altares. Foi através do cumprimento dos acordos e “obrigações” com os encantados que eles começaram a trabalhar e a serem reconhecidos como pessoas com poderes de cura ou de *fazer fazer* (Echazú, 2015), e passaram a ser procurados e reconhecidos.

Assim como as tendas, as experiências que os mestres viveram e que vivem são perpassadas por agências diversas – ou seja, contaram com a ajuda e o cuidado - de encantados, de santos e de humanos (familiares, clientes, filhos e filhas de santo). Quando falam sobre essas “*ajudas*”, pais e mães de santo chamam atenção para uma rede de relações que os constituíram como sujeitos (Ahlert, 2013), e constituem e materializam os espaços onde vivem (como indicarei abaixo). Pensando nessas agências que constituem espaços físicos e sujeitos, adentro a segunda parte do texto, sobre a beleza e os engajamentos entre encantados e pessoas.

Parte 2 – Pessoas e encantados

Desde o momento em que comecei minha pesquisa de campo sobre o terecô, eu me surpreendia com os constantes investimentos na decoração das tendas de pais e mães de santo. Por ocasião de festejos e rezas, o espaço físico do barracão e da casa do pai ou mãe de santo era embelezado. Cada ano, os investimentos diferiam, pois estavam condicionados a diversos fatores, entre os quais a condição financeira da família do pai ou mãe de santo, a lavoura, o investimento do ano anterior etc. Os salões poderiam receber uma nova pintura, a troca das toalhas, a inclusão de um santo no altar, novas bandeiras coloridas no teto, entre outros cuidados. Em alguns momentos era possível pintar ou mesmo trocar os tambores da casa, estender bandeiras até a rua, construir um novo cruzeiro, dar novas cores também à casa do pai ou mãe de santo, fazer pequenas obras para o conforto dos visitantes.

Em outro momento (Ahlert, 2014), indiquei que além destes diferentes atos de embelezamento do espaço físico das tendas, fazer uma “*festa bonita*” implicava em bem receber os visitantes – familiares, vizinhos, clientes e “*brincantes*” de outras tendas da cidade – com abundância de comida e bebida. As festas eram, portanto um momento de tornar-se anfitrião e receber outras tendas. Eram ainda um dos momentos em que, por intermédio do

deslocamento na cidade – nas procissões em homenagem aos santos ou passeatas – as pessoas de uma tenda saíam daquele espaço e se deslocavam para as ruas, alteravam o trânsito de automóveis, extrapolavam fronteiras e ocupavam a cidade.

Entretanto, além disso, penso hoje que a beleza, além de ser um elemento central para falar sobre as tendas e *mesinhas* de pais e mães de santo, é ainda um índice do engajamento entre pessoas e encantados. Para Peirce (1983), um índice é um signo que pode ser considerado “como um fragmento extraído do Objeto, constituindo os dois, em sua Existência, um todo ou uma parte desse todo” (*idem*, p. 47). Nesse sentido, a relação entre as pessoas e os encantados – o cumprimento das obrigações e homenagens, dos tabus e das prescrições que acompanham pais e mães de santo – se tornam visíveis no fazer e refazer dos detalhes que compõe a beleza de uma tenda de terecô.

Em alguma medida podemos dizer que altares e tendas materializam as relações que compõem a vida de um mestre do terecô. Se tomarmos como espaço de análise a tenda de Luiza, sobre quem comentei anteriormente, veremos, apenas em seu altar, imagens herdadas de membros de sua família consanguínea (não é incomum, na morte, expressar com quem os santos devem ficar); mensagens dadas por suas vizinhas e amigas; rosários da virgem de Cacupé, que eu lhe dei depois de uma viagem; as estátuas de São Francisco que trouxe das procissões em Canindé no Ceará; pequenos objetos para acender velas que carrega desde que iniciou seus trabalhos; flores que ganhou de clientes.

Entre essas diferentes agências, também os encantados – que de forma geral, são visíveis apenas em sonhos e quando recebidos no corpo de algum “*brincante*” – possuem objetos que materializam suas presenças. O exemplo mais evidente são os assentamentos de um encantado. O assentamento de um encantado é um conjunto de ‘coisas’ – especialmente pedras - que o pertencem e que são “*plantadas*” (enterradas ou guardadas) dentro do próprio salão ou no pátio da casa de um mestreⁱⁱⁱ. O assentamento é considerado o próprio encantado, pois ele contagia a casa e a tenda com a presença da entidade^{iv}. Deve, portanto, ser mantido seguro – pois seu manuseio por qualquer pessoa pode ser perigoso e prejudicial à casa. Além disso, deve ser devidamente “*despachado*” após a morte de um pai ou mãe santo, quando é colocado na mata ou em água corrente.

Em outras situações, a presença do encantado se espraia para além das tendas – e ocupa espaços das residências dos sujeitos. Isso acontecia na casa de Pedro, onde uma taça e um copo de sua pomba-gira eram guardados no armário da cozinha e não podiam ser utilizados por outras pessoas da casa. Ou ainda, na residência de Luiza, onde havia uma foto

de um dos seus encantados (“*em cima dela*”) na estante da sala, entre os retratos de familiares e amigos. O local de depósito da foto foi, inclusive, escolha do encantado.

Se como sugiro, as tendas e alguns objetos são a materialização dos encantados e desta forma, das relações mantidas entre eles e os mestres do terecô (como também são chamados pais e mães de santo), essas relações não estão conquistadas ou prontas, mas devem ser continuamente reafirmadas. Nesse sentido, os acordos, pactos, cuidados e ajudas (assim como o poder e a força) não são propriedade de um pai ou mãe de santo. Visto que nada está dado de maneira garantida ou pronta – investir na constituição e embelezamento das tendas é parte de um contínuo investimento na relação com os encantados.

Durante a trajetória de vida de um terecozeiro ele faz diversas atividades que têm como proposta manter a relação com as entidades. Acender velas, fazer rezas, costurar roupas novas, responsabilizar-se pela realização de festejos, cumprir tabus alimentares são parte dos compromissos ou obrigações desempenhados por um “*brincante*”. Essas atividades são pedidos dos encantados – que, em troca, fornecem conhecimento, poder, força e acompanhamento às pessoas. Neste sentido, investir na beleza de uma tenda e na grandeza de um festejo é uma forma de ser prestigiado pelos outros sujeitos, na igual medida em que se torna visível a relação com as entidades.

1561

Considerações finais

Busquei, nesse texto, apresentar algumas considerações sobre a relação entre pessoas e encantados no terecô, na cidade de Codó. Minha intenção era falar dessa relação a partir das tendas da religião – espaço de culto onde são realizados toques e giras para/com as entidades. Esses espaços, entretanto, de diversas formas se fundem e se misturam com as casas dos mestres, com seus familiares e vizinhos. Em um primeiro momento, tratei de considerar a passagem do tempo na constituição das tendas e as narrativas sobre sua formação aproximando do contar sobre o percurso de vida dos pais e mães de santo. Em um segundo momento, busquei chamar atenção para estes espaços como a materialização de relações diversas, entre elas aquelas continuamente reafirmadas com as entidades.

À guisa de conclusão (parcial) destes apontamentos, cabe mencionar ainda que na constituição e manutenção da relação com as entidades existem aproximações e distanciamentos. Igualmente, na feitura e conservação das tendas existem investimentos, mudanças e novas apostas, dependendo do momento vivido pelos sujeitos. Índice todo o processo dinâmico que envolve os encantados e a mãe ou pai de santo (Cunha, 2011), a tenda tornava visíveis as diversas relações que compunham pessoas e espaços.

Referências bibliográficas:

- AHLERT, Martina. Cidade relicário: uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (MA). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília, 2013.
- _____. Tempo de roupa nova: beleza e transformação no Tambor da Mata de Codó (MA). In: Iluminuras, Porto Alegre, v. 15, n. 35, p. 81-101, jan./jul. 2014.
- BARROS, Sulivan Charles. Encantaria de Bárbara Soeira: a construção do imaginário do medo em Codó – MA. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília. 2000.
- COSTA EDUARDO, Octávio. The negro in Northern Brazil: a study of acculturation. New York: J.J. Austin Publisher, 1948.
- CUNHA, Ana Stela de Almeida. Cantando para os mortos: cerimônias fúnebres e diversidade religiosa em Cuba. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luís, v.8, n.16, p. 37-54, jul./dez. 2011.
- ECHAZÚ, Ana Gretel. Corpo de planta. No prelo, 2015.
- FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. Desceu na guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti. 2.ed. São Luís: EDUFMA, 2000a.
- _____. Maranhão encantado: Encantaria maranhense e outras histórias. São Luís: UEMA Editora, 2000b.
- _____. Encantaria de Barba Soeira: Codó, capital da magia negra?. São Paulo: Siciliano, 2001.
- _____. Formas sincréticas de religiões afro-americanas: o Terecô de Codó – MA. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 14, n. 2, p. 95-108, jul./dez. 2003.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Querebentã de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão. 2.ed. São Luís: EDUFMA, 1996.
- GORDON, César. O valor da beleza: reflexões sobre uma economia estética dos objetos entre os Xikrin (Mebengokre-Kayapo). *Série Antropologia*, n. 424, Brasília, 2009.
- PACHECO, Gustavo de Britto Freire. Brinquedo de Cura: um estudo sobre a pajelança maranhense. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.
- PEIRCE, Charles S. Escritos coligidos. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- PEIRCE, Charles S. Divisão dos Signos. In: *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1990. p. 45-76.
- RABELO, Miriam. Enredos, feitura e cuidados: dimensões da vida e da convivência no candomblé. Salvador: EDUFBA, 2014. 296 p.

i Trabalho apresentado no XVI Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões, em Juiz de Fora (MG), em abril de 2015.

ii Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Professora adjunta do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão.

iii Neste sentido, se diferenciam dos assentamentos do candomblé trazidos por Rabelo (2014).

iv Uma amiga, professora na cidade, contou que sua mãe mora em uma casa onde já foi uma tenda de religião afro-brasileira e de onde o assentamento nunca tinha se retirado. Por isso, constantemente, ela sentia-se mal, “ *vendo pessoas e espíritos*”. Conteí a história para um pai de santo e ele me disse que se não se retira o

assentamento e se faz o despacho dos seus componentes (jogando-os em água corrente ou deixando no meio do mato) “*o que foi plantado ali o dono vem visitar*”, ou seja, mesmo que não sendo incorporados, os encantados que tiveram seus assentamentos colocados naquele terreno, continuam a se manifestar no local.